

## **De onde viemos para onde estamos indo: a demonstração prática como caminho pedagógico teatral**

*Narciso Telles*

Demonstração Prática

Universidade Federal de Uberlândia

***Palavras-chave: pedagogia do ator, viewpoints, demonstração de trabalho***

No campo teatral, as demonstrações práticas - demonstrações de trabalho - têm ganhado evidência junto aos artistas que a utilizam com a intenção didática explícita ou não de apresentar seus procedimentos de criação e “treinamento”. No campo educacional, a demonstração didática é uma técnica de ensino utilizada nas disciplinas tecnológicas e de artes, que, em um primeiro momento, tinha por objetivo capacitar o aluno para o trabalho puramente mecânico. Ele observava a demonstração do professor para em seguida repetir os procedimentos. Com o advento da prática pedagógica mais crítica e reflexiva, esta visão puramente mecanicista vai perdendo força e a demonstração didática ganha novos contornos (VEIGA; 1991, p. 133-134).

Uma pura demonstração de procedimentos que garantem um resultado adequado, passa a constituir mais um elemento metodológico que, vinculado a outros, proporciona ao aluno construir sua própria percepção do mundo a partir da experiência, articulando trabalho intelectual com trabalho prático. Ao observar como o artista-docente maneja seu instrumento de trabalho, o aluno pode perceber, com mais clareza, as possibilidades de desenvolvimento de seu trabalho em cada atividade proposta.

A observação de uma demonstração vai muito além de uma simples cópia do que é observado. O processo de aquisição de conhecimento teatral, no caso do ensino de interpretação no ocidente, passa pelo indivíduo aluno e por suas informações corpóreo-sensoriais. Era perceptível que, no encontro posterior, a demonstração de vários dos participantes da oficina ampliou a percepção e a compreensão das atividades propostas, o que possibilitou uma maior dinâmica no processo de trabalho.

A respeito da demonstração didática, Ilma Veiga (1991) relacionou uma série de objetivos, dos quais destacamos os seguintes: aprofundar e consolidar conhecimentos; ilustrar o que foi exposto, discutido ou lido; estimular a criticidade e a criatividade; propor alternativas para resolver problemas.

A organização da demonstração também exige do professor um planejamento de forma a explicitar com clareza todos os objetivos, apresentar um roteiro da demonstração para que o aluno tenha a compreensão de todas as etapas do processo de trabalho. A demonstração deve acontecer num ritmo que possibilite o acompanhamento dos alunos, fornecendo as explicações

necessárias sobre o que está fazendo e quais os procedimentos acionados, clareando seus conceitos e princípios de trabalho.

A demonstração contextualiza o conhecimento que vai sendo construído no decorrer dos encontros. A própria oficina em entrevista afirma:

Então, quando entregamos estas técnicas, quando eu as entrego aos alunos, entrego também o contexto: de quando a encontrei, de como a encontrei. É importante contar a fonte e dizer para eles de onde veio<sup>1</sup>.

Contextualizar o conhecimento possibilita ao aluno: uma maior compreensão de toda a experiência vivida pelo artista-docente, de suas tensões e enfrentamentos diante deste elemento técnico, e re-configura uma relação que não estará baseada na estrutura autoritária de poder (FOUCAULT, 1996), que muitas vezes garante ao professor uma incomunicabilidade com seus alunos e o estabelecimento não de uma troca, mas de uma ordem no processo de ensino-aprendizagem.

O “contar a fonte” significa explicitar aos participantes que o conhecimento trabalhado se insere no trajeto de aprendizado do próprio artista-docente. Este modo de ensinar explicitando as fontes possibilita ao aluno perceber que seu professor também se encontra num processo de formação contínua, sendo “um aprendiz com experiência”.

Na demonstração *De onde viemos para onde estamos indo* realizada pelos alunos-atores-pesquisadores Nádia Yoshi Ribeiro Higa, Camila Tiago, Monique Ferreira e Vinícius de Castro Fonseca e pelo professor Narciso Telles nosso material de trabalho são os *viewpoints* (*Vps*).

Os *viewpoints* como procedimentos criação foram desenvolvidos pela diretora norte-americana Anne Bogart, compostos por pontos de atenção, divididos em duas categorias, que o *performer* aciona para desenvolver seu trabalho. No Brasil, este tipo de procedimento é realizado em processos de criação do Teatro da Vertigem, da Cia de Atores e da diretora carioca Christiane Jatahy. Em todas estas experiências o jogo relacional do ator com os elementos cênicos é algo preponderante.

Os *Vps* são divididos em três categorias: os de tempo onde se trabalha: resposta cinestésica, repetição, tempo e duração; e os de espaço no qual se investiga: relação espacial, gesto, forma, arquitetura e o padrão de chão e os de voz que acionamos: tom, dinâmica, aceleração/desaceleração, timbre e silêncio.

A utilização dos *viewpoints* foi fundamental para que trabalhássemos num primeiro momento a resposta cinestésica, ou seja, a reação “espontânea” a uma ação que acontece fora de você, procurando que o aluno-ator adquira uma escuta atenta e total, uma resposta “sem pensar”, a partir sempre de estímulos externos.

Na sala de aula avançamos neste processo trabalhando as distâncias no espaço, entre um corpo e outro, entre um corpo e o grupo, a formação de pequenas coletividades (dois a quatro atores) até a união de todo o grupo em atividade de improvisação.

A continuidade deste procedimento foi realizada pela introdução dos Vps de espaço, o lugar físico no qual estamos envolvidos e como este afeta seu movimento, sua ação, modificando-a totalmente. A proposta era que o aluno-pesquisador procurasse movimentar a partir da escuta e percepção do espaço físico, podendo mudar seu trajeto totalmente pelos estímulos externos ao seu redor.

No avanço desta escuta e resposta a partir da relação (outro ator e/ou espaço), começamos, aos poucos, a introduzir outros elementos de estímulo: figurinos, objetos e sonoridades. Este conjunto de estímulos, além dos estímulos já trabalhados anteriormente, ia ampliando a percepção e reação a inúmeros estímulos apresentados e aos alunos-atores caberia a seleção do que trabalhar e em quanto tempo. Este trabalho de assimilação dos procedimentos e constituição da demonstração de trabalho foi realizado durante um período de quatro meses na sala de aula do laboratório de encenação/interpretação da UFU.

### **Referências Bibliográficas**

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

TELLES, Narciso. **Pedagogia do teatro e teatro de rua**. Porto Alegre: Mediação, 2008 (no prelo)

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. “Nos laboratórios e oficinas escolares: a demonstração didática”. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). **Técnicas de ensino: porque não?**. Campinas: Papyrus, 1991. p. 131 – 146.

<sup>i</sup> Entrevista realizada por Narciso Telles com Ana Correa. Lima, 2004.